

Concepções sobre relacionamentos amorosos na contemporaneidade: um estudo com universitários

Autores: Luis Henrique Moura Ferreira* e Luciana Nogueira Fioroni**

* Graduando da UFSCar – Universidade Federal de São Carlos – luishmf@yahoo.com.br

** Professora do Departamento de Psicologia da UFSCAR– Universidade Federal de São Carlos - lufioroni@ufscar.br

Existem muitos tipos de relações sociais possíveis, há aquelas que unem ou que ligam as pessoas e também aquelas que expressam caráter conflituoso, como a rejeição ou a exclusão. Guareschi (1996, p. 82) define relações como uma “ordenação, um direcionamento intrínseco de uma coisa, em direção à outra, trata-se de um conceito que se aplica a uma realidade que não pode ser ela mesma, sem que haja uma outra coisa”. Nas relações sociais, então, não podemos entender uma relação de um único indivíduo, já que para haver a relação é necessário um outro (ou outros) para sua existência.

Dentro de nossa sociedade ocidental, as relações amorosas ocupam um papel central na vida social. Para alguns autores, o amor tem sido entendido como a base para as interações sociais, e a chave de todas as escolhas humanas (NEVES, 2008). São inegáveis a importância e a frequência com que o amor se mostra em nossas vidas, dentro da nossa cultura.

O homem é entendido aqui como um ser sócio-histórico, constituído e constituidor do momento em que vive, marcado por normas, modos de pensar e agir. Este, ao se relacionar com o outro levará todo este material histórico-cultural para a relação, assim como o outro. Esta relação será marcada, então, por encontros/desencontros, harmonias e conflitos, refletindo nela sua própria construção social. Ao mesmo tempo em que este homem é determinado pelo seu tempo, cada um irá incorporar este material social de maneira diferente e única, constituindo a subjetividade. De acordo com Vygotsky o sujeito é ‘quase social’, ele não expressa o social e nem o coloca dentro de si em situações artificiais, mas é na relação com os outros e por ela, é na linguagem e por ela que se constitui sujeito e é constituinte de outros sujeitos. (*apud* GOLÇALVES, 2001).

As relações amorosas, portanto, são fruto de uma determinação social e histórica. O modo como iremos nos relacionar afetivamente e sexualmente com o outro, o que iremos procurar num parceiro, os valores esperados numa relação e o modo como esta irá se configurar é condicionado pelo tempo histórico em que o sujeito está inserido. Niklas Luhman (1991) afirma que não há razão para o amor acontecer, este só torna-se possível, se estiver incorporado num código social compartilhado por indivíduos que estão em relação. O amor é uma construção social. Ele não pode ser entendido como uma realidade objetiva, homogênea, irreversível e universal; como aponta Beall e Sternberg (1995) o amor é definido de forma diferenciada em função da cultura onde tem lugar, os significados do amor dependem do período histórico, da temporalidade e das especificidades culturais subjacentes à sua concepção. Para outros teóricos, os atores sociais têm concepções, idéias e pressupostos sobre o que é o amor, produzindo diferentes efeitos na forma como a relação se dará, e também é a partir daqueles pressupostos e concepções que a relação é interpretada (HATFIELD, 1988; BIERHOFF, 1991). O amor se apresenta, portanto, como um conceito criado, multidimensional, discursivo e produzido socialmente.

Jurandir Freire Costa (1979) em *Ordem Médica e Norma Familiar* desenvolveu um

trabalho que segue esta linha de raciocínio, discute como se deu o processo para que a configuração da família colonial mudasse para uma forma bem diferente de se estruturar, que se tornou a família burguesa do século XIX, no Brasil. O argumento central de Costa para explicar porque ocorreu essa mudança, no que concerne a concepção do que deve ser uma família, dos papéis sociais de homem e de mulher, no que deve ser considerado amor e em como as pessoas praticam sexo, é de que houve um movimento político e econômico da recém-formada burguesia brasileira para privilegiar seus interesses, que culminou no movimento higienista. Os médicos e agentes da saúde começaram a prescrever normas baseadas nas concepções de saúde e higiene da época, essas normas afetaram diretamente a organização da instituição familiar no século XIX. Elas se constituíram de microestratégias de poder que modificaram os comportamentos, desejos, pensamentos das pessoas, operando a fim de favorecer os interesses da burguesia e solidificando novas classes sociais no Brasil.

O século XX também trouxe muitas mudanças, como a dos papéis sociais de homens e mulheres, estes vêm perdendo seus papéis tradicionais nas instituições da família, trabalho, religião, educação e no casamento. As mulheres, por meio dos movimentos feministas, têm conseguido maior independência em termos financeiros e intelectuais, além de uma crescente igualdade e democratização nas relações (NEVES, 2008). Os homens com isso vêm dividindo seu papel de provedor de família, de gênero dominante, o que tem levado ao que os teóricos chamam de crise da masculinidade, já que em nossos tempos carece ao homem uma identidade e papéis sociais definidos. É também efeito tanto do que se chama de metrosssexual, como da aceitação da homossexualidade em nossa sociedade (GOMES, 2006).

Para entender a dinâmica das relações amorosas torna-se necessário investigar como se configura nosso momento histórico-cultural e por quais mudanças ele tem passado e de que forma as velhas concepções se relacionam com as novas produzindo subjetividades. As questões da **contemporaneidade** e da **sociedade de consumo** se mostram essenciais para tratar deste assunto.

A contemporaneidade diz respeito aos tempos recentes, dos últimos vinte anos. E é marcada principalmente pelo fenômeno da **globalização**, e por um suporte tecnológico avançado de comunicação, a informática, que têm organizado a vida econômica, política e social, segundo uma ordem mundial. A comunicação com isso supera cada vez mais qualquer limite, resultando em profundas transformações para a condição humana, quanto ao conteúdo, qualidade e quantidade de imagens e modelos a que está submetido o homem contemporâneo, e na conseqüente ampliação do seu imaginário (PECCININI, 2008). Para Bauman (2004), a internet representa também uma extensão da vida cotidiana, os indivíduos estabelecem neste meio novos tipos de relação, e dão significados para esta relação por meio das características deste próprio meio de comunicação. E, além disso, ela dá as pessoas uma sedução de liberdade, por ser um espaço ilimitado de comunicação e de expressão do indivíduo. O autor afirma, ainda, que o valor supremo da pós-modernidade é o desejo por liberdade.

Costa (2005) relaciona estas características da contemporaneidade com as mudanças ocorridas nas relações sociais, as palavras chaves que as definem agora são racionalização, impessoalização e desterritorialização, num contexto em que a compreensão de tempo e espaço sofreram mudanças sem precedentes. Isso pode ser explicado por fatores como: a multiplicação das relações anônimas; o desenraizamento social dos indivíduos, que ocupam diferentes papéis nos diversos contextos em que atuam, ocasionando uma ampliação das formações subjetivas; a necessidade, na relação amorosa, de uma grande capacidade de

mediação entre duas pessoas muito exclusivas, que manipulam dois mundos de significados singulares, recortados de maneira extremamente individualizada. Assinala ainda para o caráter da dificuldade da resistência do amor, sobretudo o romântico, frente ao capitalismo e ao consumismo, levando a hipótese de que se tornaria impossível o amor em nossos tempos.

O consumismo do capitalismo contemporâneo traz como valores a instantaneidade, a competitividade, o ritmo frenético, o vigor produtivo e consumista. Ele não comporta adiamentos, apegos, estabilizações, recusas, renúncias, parcimônia, paciência e tolerância. Necessita de um sujeito ativo, questionador, impaciente, instável, pronto para renovar seus desejos, impulsivo, intolerante, inconformado, incapaz de renunciar e conviver com frustrações.

Sociedade de consumo tem sido apontada como uma das características fundamentais do contemporâneo, o tema passou a ter interesse sociológico a partir da década de 80, quando se percebeu que o consumo havia se tornado mais do que uma prática de satisfação das necessidades materiais e de reprodução social comum a todos os outros grupos humanos. Assim o consumo se torna um tema de assunto em si mesmo. Algumas conseqüências que podem ser citadas dessa cultura de consumo são: a constituição da identidade pelos produtos consumidos e não mais pelas atividades sociais como o trabalho ou a religião, as pessoas podem ser quem quiser só basta consumir; a extremada individualidade e a expressão de seu valor máximo, o direito de escolha; a hiper velocidade de consumo dos objetos, que apresentam uma vida útil cada vez menor, tornando-se descartáveis (BARBOSA, 2004).

Nos relacionamentos amorosos isso vai se manifestar no não favorecimento da aproximação de pessoas, da criação de vínculos duradouros, e concretizando relacionamentos breves, *de bolso*, voltados para a satisfação de necessidades e desejos imediatos, sem um compromisso que ultrapasse o momento da relação. Cria-se também uma cultura do descarte, em que as pessoas se relacionam com as outras até que dure seu interesse por isso, ou que haja uma nova opção em vista, alguém melhor, as pessoas viram mercadorias, objetos de consumo (JUSTO, 2005). “ A solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor” (BAUMAN, 2004, p. 96).

Essa influência será mais forte, sobretudo, nos jovens e adolescentes, como aponta Justo (2005), já que estes estão mais submetidos a internet, aos meios de comunicação em geral e ao destino publicitário; são também aqueles que mais freqüentam os shoppings, símbolo máximo do consumismo, e a quem é atribuído o papel de desbravar essas atualidades da sociedade, de incorporá-las e manifestá-las como o futuro, o progresso. Sua forma de relacionamento amoroso se apresenta como ‘o ficar’, marcado pela brevidade do contato, a ausência de exclusividade e de compromisso, o descarte do outro e a não-obrigatoriedade da presença de sentimento.

Oliveira *et al.* (2007) investigam as questões do ‘pegar’, ‘ficar’ e ‘namorar’ numa população de adolescentes brasileiros, discutem para o fato deles estarem em uma tensão liberdade-responsabilidade, *o continuum* dessa tensão seria representado por essas categorias de relacionamento. O pegar seria definido como “um ato espontâneo, não repetível, sem compromisso e no qual o interesse físico predomina, quer pela beleza ou pela sensualidade”(p.500). Já o ficar seria “um relacionamento em que os atores sociais possuem uma intimidade e uma proximidade maiores, se vêem em uma freqüência que pode adquirir uma regularidade e até desembocar em um namoro”. E o namoro seria compreendido como “ato contínuo e repetitivo do ficar, que possui início em um relacionamento caracterizado

pela liberdade de ação e que, com o tempo e a permissão de ambos, ganha contornos de maior compromisso e de oficialidade frente à família e o grupo social”. Os autores concluem que os adolescentes classificam o relacionamento pelo grau de liberdade que ele apresenta, e com a importância dos estudos sobre as novas formas de relacionamento nos tempos atuais como uma forma de melhorar as políticas públicas de saúde, sobretudo na questão da AIDS.

Zygmunt Bauman (2004) analisa como o amor se configura na sociedade pós-moderna, a sociedade líquida, mostrando que as relações estabelecidas são frouxas e leves. Os indivíduos ao mesmo tempo em que dizem querer um relacionamento duradouro, querem acima de tudo preservar sua liberdade. A linguagem que usam reflete a da internet, se fala em se conectar a outras pessoas, ao invés de se relacionar com ela e em se desconectar ou deletar o outro quando o desejo de se relacionar acaba. O meio virtual vai se tornando cada vez mais real, e criador de parâmetros, com os avanços dos meios de comunicação, entretanto, o contato *olho-no-olho* se torna menor, as pessoas ficam sozinhas a maior parte do tempo, trancadas no próprio quarto, em seu próprio computador.

Com toda essa nova configuração em nossa sociedade, os estudos apontam para a mudança do paradigma do amor romântico para o amor confluyente. Aquele seria o modelo que teve maior influência nos séculos XVIII e XIX, sendo marcado principalmente pelas características de um amor jurado à eternidade, estruturador de relacionamentos indissolúveis, e pelos valores de segurança, confiabilidade, fidelidade e durabilidade (JUSTO, 2005).

Sérgio Costa define o amor romântico como um modelo histórico-cultural que se desdobra em cinco dimensões, sendo elas: (1) a do *campo das emoções*, um vínculo a partir do desejo ardente de se conduzir unicamente na vida dou outro, este desejo não deve ser entendido de maneira fisiológica, mas sim como uma expressão cultural; (2) a *idealização*, este amor promete ao indivíduo o reconhecimento pleno de suas singularidades, ele o absorve de forma total, retirando-o de seu entorno social; (3) a do *modelo de relação*, unificando paixão sexual e emoção, e amor e matrimônio/prole; (4) a *prática cultural*, que corresponde a um repertório de discursos, ações e rituais de manifestação do amor; (5) a do *campo das interações sociais*, as relações de cada casal vão se tornando exclusivas e únicas, os amantes criam códigos de comunicação entre si, muitas vezes se tornando herméticos a quem esteja fora da relação.

Já o amor confluyente se caracteriza por um relacionamento contingente e baseado numa negociação de correspondência, dentro de uma relação horizontal entre homem e mulher, inspirada em valores de igualdade entre as partes e sua existência ocorre enquanto durar a co-satisfação entre os parceiros. Ele é a expressão das conquistas de maior igualdade nas relações de gênero, da liberdade quanto às escolhas de parceiros e interrupções de relacionamentos conjugais e é também expressão da maior mobilidade espaço-temporal do sujeito na contemporaneidade (JUSTO, 2005).

A partir dessas mudanças em nossa sociedade, mostra-se importante investigar e discutir os discursos atuais sobre os relacionamentos amorosos, abordando a discursividade dos atores sociais quanto às concepções sobre o amor.

Deve-se frisar que essa problematização da pesquisa não tem uma concepção dicotômica dos modelos de amor apresentados, mas acredita que entre eles há uma continuidade de possibilidades de manifestações desses paradigmas, considerando a possibilidade de um jogo de duas forças históricas entre o velho e o novo amor, que eles podem tanto se mesclar como se contradizer. E nisso indagar-se como os sujeitos se

relacionam, quais são seus discursos sobre os relacionamentos amorosos. Como aponta Giddens (1993), as pessoas e, sobretudo os adolescentes, vivem a tensão gerada por modelos de amor e relacionamentos antigos e modelos gerados pelas forças psicossociais da atualidade, não se tratando apenas de escolher entre duas alternativas, mas sim ter de assimilar, no plano afetivo, aquilo que se expressa em todos os âmbitos da sociedade contemporânea.

Essa investigação se justifica pela observação de uma crescente insatisfação na forma como se dão os relacionamentos amorosos hoje em dia, refletida em uma explosão na demanda por profissionais que lidam como aconselhamento amoroso. Por uma visão de que o amor seria impossível em nossos tempos, já que as pressões do consumismo e as idéias da contemporaneidade levariam ao fim das relações amorosas, e ao enfraquecimento de luta do sujeito contra essas forças. E pela denúncia de uma futura sociedade em que as pessoas estariam cada vez mais individualizadas e voltadas para si, incapazes de se relacionar afetivamente com o outro (BAUMAN, 2004).

Entretanto, acredito que de alguma forma os atores sociais possuem meios de resistir a essas pressões históricas, que eles não estão sujeitos a um fim certo dos relacionamentos amorosos porque as condições culturais não estão propícias a mantê-los. A perspectiva da psicologia sócio-histórica permite afirmar um caráter dialético entre indivíduo e sociedade, este está determinado por seu tempo, mas como isso se manifestará no sujeito é particular e único, o que nos remete a discussão da subjetividade. Este sujeito pode criar mecanismos para que suas relações sejam de fato realizáveis, e também para que as práticas discursivas sobre amor e sobre a contemporaneidade se transformem.

Em suma, o amor é considerado aqui como uma construção social, que vai sendo transformada dia-a-dia, por meio dos discursos produzidos em nossa sociedade. Entender como se configura nosso momento histórico-cultural, os interesses políticos e econômicos é de suma importância para a investigação desse tipo de relacionamento humano. As categorias sociológicas de contemporaneidade e sociedade de consumo foram utilizadas para entender a dinâmica do nosso momento histórico, e como solo produtor dos discursos e ideologias presentes atualmente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Livia. **Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. 68p.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. 190p.

BEALL, Anne E., STERNBERG, Robert J. The Social Construction of Love. **Journal of Social and Personal Relationships**, 1995, n.12(417-438).

COSTA, Jurandir Sebastião Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979

COSTA, Sérgio. Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. **Novos estudos - CEBRAP**, São Paulo, n. 73, nov. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002005000300008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 nov. 2008.

GIDDENS, Anthony. **Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Oeiras: Celta Editora, 2001.

GOMES, Sérgio. A Crise da Masculinidade: uma crítica a identidade de gênero e a literatura masculinista. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília-DF, V. 01, p. 118-131, 2006

GUARESCHI, Pedrinho Arcides. Relações Comunitárias- Relações de Dominação. Em: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (Org.). **Psicologia Social Comunitária- da solidariedade a autonomia**. Petrópolis: Vozes, 1996 (81-99)

HATFIELD, Elaine. "Passionate and Companionate Love." In: STERNBERG, Robert, and BARNES, Michael (Eds.). **The Psychology of Love**. New Haven: Yale University, 1988. p. 191-217

JUSTO, José Sterza. O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia da UFF**, Niterói, v. 17, n. 1, jun. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 nov. 2008.

LUHMAN, Niklas. **O amor como paixão**. Para a codificação da intimidade. Lisboa: Difel, 1991.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do "amor confluyente" ou o retorno ao mito do "amor romântico"?. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, dez. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 nov. 2008.

OLIVEIRA, Denize Cristina de; GOMES, Antônio Marcos Tosoli; MARQUES, Sérgio Corrêa e THIENGO, Maria Aparecida. et al. "Pegar", "ficar" e "namorar": representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. **Revista brasileira de enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 5, out. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000500003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 nov. 2008.

PECCININI, Daisy. Arte do século XX/XXI. Visitando o MAC na web. Módulo VII Contemporaneidade. Disponível em: <http://www.macvirtual.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo7/contemp/index.html> Acesso em 24 de jun. 2008